

# *Um lar para os filhos de Blanca*

POR LAWRENCE ELLIOTT

**E**NQUANTO SUA VIDA se esvaía aos poucos, a mãe apegava-se teimosamente a um sonho improvável: que todos os oito filhos fossem adotados juntos. Ela rezava e lutava por ele com a tenacidade e o desespero que somente os moribundos conhecem.

---

**Sempre Cabe Mais Um**— A grande família Malavolti em casa: Alan, Rose, Eli, Noah, Jaci e Aaron (no alto); Ann, John Paul, Elizabeth e Gabriel (no meio); Luke, Catie, Rachel e Theresa (embaixo).





“Esqueça esse sonho”, diziam amigos e parentes, preocupados. “Deixe que seus filhos fiquem com quem pode cuidar deles.”

Esses conselhos subestimavam, porém, o poder da prece das mães.

### O primeiro samaritano

**E**M CERTA MANHÃ de agosto de 1996, Blanca Enriquez, 36 anos, mãe de nove filhos, dá entrada no Hospital da Misericórdia de Laredo, Texas, com uma dor intestinal persistente. Após submeter-se por vários dias a muitos exames e testes, os médicos lhe comunicam delicadamente que só tem mais alguns meses de vida.

Blanca está acostumada à adversidade. Vive nos Estados Unidos ilegalmente, como muitos outros da cidade fronteiriça; não fala inglês e leva uma vida de privações com os oito filhos que moram com ela. O marido a abandonou e outros homens fizeram o mesmo.

Os médicos mandam Blanca para casa porque não há mais nada que possam fazer. Mesmo com o câncer aniquilando-a, ela reza para que os filhos possam ficar juntos e crescer como uma família. Quando a notícia sobre a situação angustiante de Blanca se espalha pela solidária comunidade latina, casais sem filhos, ansiosos por ficar com um dos dois bebês, apresentam-se dispostos a adotá-los. Ela, no entanto, diz que não; enquanto viver, os filhos não

serão separados. Mas quem em Laredo tem lugar para oito crianças?

No outono, os médicos espantam-se por Blanca ainda estar viva. Ela, porém, não vai se entregar. Atormentada por uma dor fora do alcance das drogas mais fortes, resiste desafiadoramente e continua implorando aos poucos que vão à sua casa que a ajudem a encontrar um lar onde os filhos sejam amados e possam crescer juntos.

Até então há pouco que lhe dê coragem. O que acontece em seguida parece pura coincidência. Ou será mais do que isso?

O NATAL DE 1996 estava se aproximando e, inacreditavelmente, Blanca ainda se agarrava à vida, quando David Teran, vendedor de produtos promocionais radicado em San Antonio, chegou a Laredo. Um cliente contou-lhe a história de Blanca e disse que alguns homens de negócios estavam levantando dinheiro com a finalidade de comprar agasalhos e presentes de Natal para os filhos dela.

— Conte comigo — disse David, entregando-lhe 20 dólares.

Depois entrou no carro e seguiu para casa. Mas não foi longe. Mais tarde ele relembriaria: “A consciência realmente me doeu: ‘Certo, jogue 20 *pratas* na tigela e deixe os problemas daquela senhora para trás.’” Sentindo que tinha de fazer algo mais, deu meia-volta e retornou. Após trinta minutos e alguns telefonemas, David Teran tinha descoberto o endereço da família e logo se via de pé dentro do pequeno *trailer* onde Blanca Enríquez e os filhos moravam.

O vento frio do inverno penetrava pelas fendas nas paredes frágeis. Enquanto olhava para a família, David percebeu que seus instintos tinham passado à frente de suas intenções. Não sabia o que fazer em seguida.

Dez pares de olhos o fixavam. Um deles era da filha mais velha, Erika, 19 anos, que viera de sua casa em Wisconsin, com o filho recém-nascido, para tomar conta dos irmãos – três meninos e cinco meninas, de idade entre 1 ano e meio e 16 anos.

Após um momento de embaraço, David, que tinha três filhos pequenos, estava segurando nos braços os bebês de Blanca e contando aos outros uma história sobre o dia em que *seu* caçula dera uma topada e viera correndo para ele, pedindo colo e procurando consolo.

– Fiquei feliz ao abraçá-lo e o confortar – dizia, falando-lhes em espanhol. – É desse modo que nos aproximamos de Deus. Nunca ficamos mais perto Dele do que quando

estamos infelizes e amedrontados e nos sentindo totalmente sozinhos.

Antes de ir embora, abraçou cada criança e garantiu-lhes que voltaria.

Assim que chegou à rodovia, ligou para a mãe, do celular, e disse-lhe o que desejava ganhar no Natal:

– Sei que a senhora pretendia nos enviar dinheiro para comprarmos um *modem* para o computador, mas escute, mamãe, há uma família de Laredo...

### Telefonema decisivo

**M**ARGARET TERAN, mãe de David, morava em Hammond, Indiana, onde trabalhava como autônoma, traduzindo documentos em espanhol e ajudando pessoas a enfrentar a emperada burocracia de ambos os lados do Rio Grande. Atendendo ao pedido do filho, mandou um cheque para Laredo.

Entre os clientes da mãe de David havia um casal, Rose e Alan Malavolti, que vivia em Rockford, Illinois. Já pais de quatro filhos, vinham tentando havia anos adotar uma família de órfãos mexicanos.

Tinham conhecido Margaret Teran por mero acaso. Meses antes, estavam à beira da exaustão e da derrota, tendo esperado horas no consulado mexicano em Chicago para mais um frustrante embate com a burocracia. Na época, Rose e Al já haviam gastado 14 mil dólares em cinco anos de luta a fim de adotar as crianças – uma quantia elevada para o casal. Es-

tavam *quebrados*. Foi então que uma pessoa solidária lhes deu o número do telefone de Margaret.

Eles disseram a ela que não podiam sequer pagar seus honorários.

– Então vou dar um abatimento – respondeu ela. – Podem me enviar os documentos.

Mesmo com a ajuda de Margaret, os Malavoltis sentiam-se muito desanimados. Foi um triste Natal para toda a família, completamente envolvida nos planos.

Não era o primeiro desapontamento de Rose e Al. Praticamente desde o início do casamento vinham tentando adotar órfãos de qualquer idade, raça ou nacionalidade. Repetidas vezes preencheram os frios do-

cumentos e submeteram-se a invasivas visitas domiciliares e avaliações psicológicas, que levavam meses e, ao longo dos anos, custaram milhares de dólares. E sempre, depois de terem ziguezagueado por um labirinto de regras, suas esperanças eram esmagadas por indiferença e incompetência.

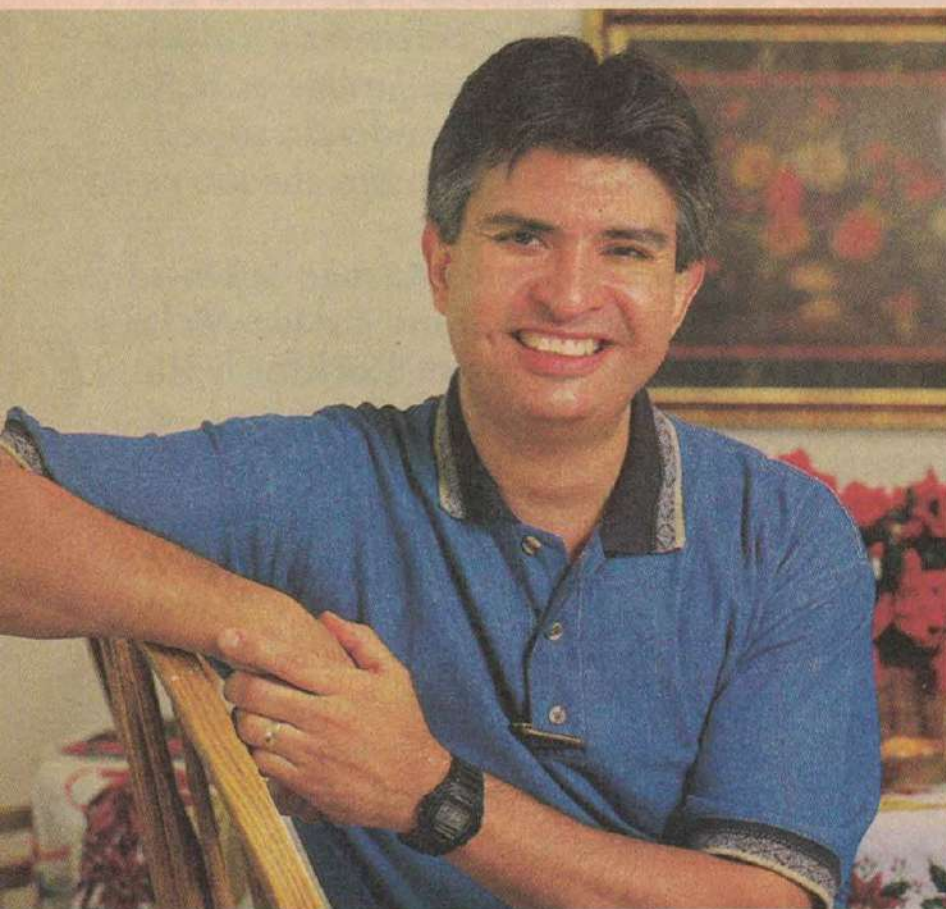
Uma vez tentaram adotar uma família de cinco crianças afro-americanas, do sul de Illinois, que tinham perdido os pais num acidente. Enquanto o Departamento de Serviços para Crianças e Famílias emperrava o processo, os órfãos foram separados e colocados em lares provisórios.

Os Malavoltis não tiveram melhor sorte com as agências de adoção particulares. Repetidas vezes submeteram-se a infindáveis avaliações de seus filhos, seu lar, seus hábitos. Ao fim de dois anos receberam um telefonema de uma assistente social que perguntou se tinha havido mudanças importantes em sua vida. Rose foi sincera:

– Acho que estou grávida.

“Isso foi o fim”, disse Al. “Eles nos eliminaram na hora.”

Em meio à frustração acerca da adoção dos mexicanos, quase no fim de 1996 receberam outro telefonema decisivo. Era de Margaret Teran:



© JOHN DYER

**Impulso Generoso**— O telefonema de David Teran à mãe teve efeitos profundos.

– Meu filho me falou sobre uma mulher do Texas que está morrendo de câncer. Ela tem oito filhos que precisam de um lar, mas insiste em que sejam mantidos juntos.

– Já foram prometidos a alguém?  
– perguntou Rose imediatamente.

– É claro que não. Quem teria espaço para oito crianças?

*Eu teria*, Rose ouviu sua voz interior responder.

Ela se sentia dividida. Um lado seu era a mulher racional, que *sabia* não ser possível sustentar uma família de 14 membros com uma renda que vinha sendo suficiente para apenas seis. Onde poderia colocar todos eles? Como poderiam ela e Al dividir a atenção entre 12 crianças?

O outro lado era a verdadeira Rose, a que sempre desejara ter a casa cheia de crianças.

– Margaret, acho que estamos interessados.

– Por todos os oito? Mas você ainda nem conversou com seu marido!

Rose fez uma pausa antes de responder:

– Desde que Al e eu nos casamos, Deus vem nos preparando para isso. Há muito a considerar, mas acho que estamos mesmo interessados. Peça a seu filho que nos telefone.

## Perdidos no sistema

**R**OSE SISTI e Alan Malavolti foram criados em Rockford, centro fabril situado 130 quilômetros a oeste de Chicago. À primeira vista eles formavam um casal

incompatível. Al era racional, prudente; Rose, que vinha de uma família grande e amorosa, era impulsiva e espontânea.

Mas o que Rose e Al tinham em comum era uma série de valores – a fé inabalável, a crença de que as pessoas devem oferecer a mão para aqueles que necessitam e a confiança no poder do amor.

Rose não fazia segredo de seu desejo de ter uma família grande desde que ficara profundamente impressionada com a comovente história de uma professora sua. A mulher contou que crescera num orfanato e muitas vezes sofrera ao ver outras crianças ir para lares de pais adotivos enquanto ela nunca era escolhida.

Quando Rose e Al começaram a namorar firme, ela lhe disse sem rodeios que pretendia ter muitos filhos:

– Quero dizer *muitos* mesmo!

Al gostou da idéia, mas relutava em atirar-se nela de corpo e alma. “Meu primeiro e insensato sonho era ser milionário quando tivesse 21 anos”, diz Al agora com o sorriso tranqüilo de um homem mais experiente. Na época em que conheceu Rose, ele se sentia feliz em lecionar numa escola primária, o que certamente não era o caminho para se tornar milionário. Entretanto, quando se casaram, em 1973, Al, que é mais tranqüilo mas tem sentimentos igualmente profundos, passou a querer tanto quanto Rose partilhar o lar com crianças sem teto.

Rose tornou-se professora e centenas de crianças faziam parte do coti-

diano deles: alunos, adolescentes problemáticos que eles orientavam, crianças que acolhiam temporariamente e por fim os quatro filhos.

Em 1984, com as próprias mãos, construíram uma casa grande e irregular em estilo colonial holandês. Al fez até os armários da cozinha, com madeira de carvalhos plantados no terreno dos fundos. Como nunca sabiam quantos convidados os filhos poderiam levar para o jantar, os Malavoltis instalaram uma mesa de refeições com 14 lugares. Rose dizia: "Se uma casa não está cheia de crianças, então está vazia." O número 14 acabaria tornando-se um número mágico para eles.

Suas crianças – e todas as outras que acolhiam – recebiam carinho e sabedoria nessa casa. Observar Rose e Al juntos – completando as piadas um do outro, discordando suavemente e sem rispidez – é compreender a estrutura de um relacionamento saudável e amoroso.

A casa nunca estava cheia o bastante para eles. Além dos próprios filhos e dos amigos destes, havia quase sempre uma ou duas crianças hospedadas na casa – e eles viam muito sofrimento que podia ser evitado. Co-presidentes da associação de pais adotivos de seu condado, Rose e Al estavam familiarizados com um sistema profundamente imperfeito, de normas muitas vezes sem sentido e uma burocracia indiferente, que processava casos urgentes de crianças órfãs e vítimas de abuso como se fossem requerimen-

tos para mudanças de zoneamento urbano.

Eles viram as autoridades separarem pais e filhos adotivos já afeiçoados uns aos outros, cortando laços de muitos anos e enviando crianças para lares estranhos, ou, pior ainda, de volta a pais violentos dos quais a justiça as havia tirado.

Os Malavoltis nunca perdiam a oportunidade de ajudar uma criança. Quatro anos depois do nascimento do caçula, Gabriel, empenharam mais uma vez todas as energias quando decidiram adotar os três órfãos mexicanos. Fizeram até uma viagem à Cidade do México para visitá-los. Mas esse sonho terminou mal também.

Foi então que receberam o telefonema sobre os filhos de Blanca.

## Esther, o anjo

**B**LANCA ESTHELA CASTAÑEDA nasceu em 1960 em Nuevo Laredo, na margem mexicana do Rio Grande. No fim da adolescência conheceu um homem chamado Manuel Ortiz, com quem teve três filhos. Quando o relacionamento acabou, Blanca ficou sozinha com as crianças.

Desesperada, a jovem mãe juntou-se aos ilegais que cruzam diariamente a fronteira para os Estados Unidos em busca de trabalho. Ela seguiu para leste até a Flórida procurando emprego, levando as crianças. Ao longo dos anos, viveu com outros homens, mas estes também a

abandonaram, deixando-a com mais quatro filhos.

Por algum tempo trabalhou em Houston vendendo flores e servindo mesas em restaurantes; depois se estabeleceu em Laredo, onde os irmãos e as irmãs viviam agora. Lá se casou com o pai de seus dois últimos filhos. No verão de 1996, quando Blanca soube que tinha câncer terminal, o casamento se desfez e ela se viu mais uma vez sozinha com os filhos.

Enquanto Blanca jazia no leito de morte, começou a se espalhar pelos bairros latinos de Laredo a notícia sobre a mãe que morria de câncer com oito filhos e sem marido. Quem podia ajudar?

Esther Firova foi uma das primeiras pessoas a responder. Mulher dinâmica que então trabalhava num hotel da cidade, ela ouvira falar sobre Blanca em setembro, na escola que o filho freqüentava. Os pais dos alunos haviam tentado atender a algumas das necessidades da família, mas seus esforços eram ocasionais. Quando Esther perguntou como poderia ajudar, eles lhe disseram que trouxesse sabão em pó, pois a família estava sempre precisando do produto.

– E dinheiro? – insistiu ela. – Quem está pagando as contas?

Ninguém sabia responder. A secretária da escola e a mãe estavam coletando algum dinheiro, e uma vez por semana davam 20 ou 25 dólares a Erika, a filha mais velha de Blanca, para as compras de supermercado.

Esther desconfiava que não era o bastante. Telefonou para alguns

amigos e contatos profissionais, e logo levantou quantia suficiente para pagar as contas de setembro.

Muito bem, disse Esther a si mesma. Agora vou até lá, deixo o dinheiro e algumas caixas de sabão, e encerro o assunto.

Errado. Quando Esther entrou na casa de Blanca e viu a penúria em que as crianças viviam, levou um choque e percebeu que teria de se esforçar muito mais.

O tributo pago pelas crianças era de uma evidência deprimente. De todas elas, apenas a de 3 anos, Jaci, e a caçula, Kenya, desfrutavam os momentos despreocupados de uma criança. Os outros tinham se tornado pequenos adultos de olhar preocupado, fazendo o que fosse preciso para manter a família, olhando pelos menores, executando as tarefas domésticas – tudo isso enquanto a mãe morria na sala ao lado.

Numa cama na sala de visitas, a esquelética figura que um dia fora uma bela mulher lutava para se sentar.

– O que posso fazer para ajudar? – perguntou-lhe Esther.

– Nada. Todos têm sido tão amáveis! – respondeu Blanca estoicamente. E seus olhos se encheram de lágrimas.

Esther pegou com gentileza aquelas mãos emaciadas.

– Você não precisa se preocupar

Na sala de estar, a esquelética figura que um dia fora uma bela mulher lutava para se sentar.



com dinheiro ou contas – disse. – Isso será providenciado. Guarde todas as forças e os pensamentos para seus filhos. Ame-os.

Blanca chorou, temendo que eles estivessem para ser separados, perdidos uns dos outros. Esther fez que não com a cabeça e assegurou-lhe:

– Deus não vai levá-la com o coração perturbado. Deixe a preocupação para nós. Faça com que seus dias com as crianças sejam significativos.

### Voluntários de coração

**E**STHER SAIU COM UMA porção de contas para pagar e cobranças de dívidas atrasadas. Conseguiu permissão do chefe para dedicar parte de seu tempo no escritório a fim de pôr em dia as contas, pedir contribuições e preencher cheques. Organizadora nata, arregimentou um grupo de voluntários.

Nenhuma tarefa era demasiado desprezível para eles. Quando a velha máquina de lavar de Blanca quebrou, dois dos voluntários literalmente a carregaram até a loja e ficaram lá, esperando que fosse consertada. No Dia de Ação de Graças, Esther e o chefe mandaram entregar um jantar completo para a família. Durante todo esse tempo David Teran veio regularmente visitar Blanca e as crianças, trazendo presentes e, mais tarde, a mulher e os filhos.

– Muito bem, o Natal está chegando – disse Esther um dia, pedindo a cada um dos filhos de Blanca que escrevesse uma carta a Papai

Noel listando os presentes que mais desejavam ganhar.

Enquanto isso enviou um apelo a escolas e igrejas, a líderes da comunidade e empresários, pedindo que abrissem o coração – e o dinheiro jorrou. Na semana anterior ao Natal, um grupo de voluntários levou um pinheiro para a casa de Blanca e observou as crianças, com os olhos brilhando de entusiasmo, decorarem a árvore com as luzes e os enfeites que haviam trazido.

Alguns dias depois Esther veio visitá-los. Ela soubera que a mãe de David Teran conhecia uma família que parecia ansiosa para adotar as oito crianças.

O rosto abatido de Blanca subitamente ficou animado, alerta.

– Quem são eles? Onde moram?

Esther contou-lhe o pouco que sabia: a família se chamava Malavolti, tinha filhos e morava em Illinois.

– Ah, mas é longe, não é? – comentou Blanca, olhando para a parede. – Meus parentes não vão gostar se eu mandar meus filhos para viverem com gringos longe de Laredo.

– Eles não têm nada com isso, Blanca – replicou Esther. – Você deve fazer o que for melhor para as crianças e não para seus parentes. Os Malavoltis desejam vir aqui para encontrar vocês e conhecer as crianças. Quer que eles venham?

Blanca hesitou.

– Tudo que desejo é que meus filhos fiquem juntos.

Fechou os olhos, sacudida por um espasmo de dor, e disse:

– Quero que eles venham... mas ainda não.

Enquanto uma avalanche de presentes se empilhava na sala de visitas de Esther – da camisa e das calças que Wendy, 13 anos, pedira para seu irmãozinho Edgar, de 7, a bonecas, brinquedos, bicicletas, jogos eletrônicos e até um computador.

Uma doadora em potencial fechou a bolsa quando ouviu falar sobre o computador.

– Isso não é demais? – comentou. – *Meus* filhos não têm um.

– Nem os meus – replicou Esther energicamente. – Talvez ganhem no próximo Natal. Estas crianças nem sequer têm idéia de onde estarão no próximo Natal... Talvez num orfanato. Tudo o que sabem é que a mãe já não estará aqui. Não acha que *este* Natal deveria ser especial para elas?

A mulher abriu novamente a bolsa.

O desejo que constava da lista de todas as crianças era que a mãe ficasse boa. E, por alguma razão, Blanca parecia reviver. Na noite de Natal ela conseguiu sentar-se perto da árvore enquanto as crianças abriam os presentes. Seus olhos brilhavam de amor e orgulho. A felicidade deles era sua também. Ninguém sabe como encontrou forças para participar do Natal dos filhos.

Preocupada com a iminente visita dos Malavoltis, Esther contou a his-

tória de Blanca para uma amiga, a advogada Anna Laura Cavazos Ramírez.

– Talvez agora esse casal venha de Illinois. Supondo-se que queiram realmente adotar aquelas crianças, o que devemos fazer? Preciso conhecer todo o procedimento.

– E o que mais? – perguntou Anna Laura.



© JOHN DYER

**Ajuda Dinâmica**– Esther Firova reuniu um exército de bons samaritanos.

– A mãe pode morrer a qualquer momento. Tudo precisa ser feito rapidamente. Ah, escute, não há dinheiro. Você tem de fazer por amizade.

– Para que servem os amigos? – disse a advogada. – Quando podemos nos encontrar?

Esther havia recrutado uma nova e valiosa voluntária.

## Duas mães se encontram

**E**M 3 DE JANEIRO de 1997, Blanca foi levada às pressas para o hospital, em estado crítico. No mesmo dia, Esther Firova deu entrada em outro hospital para tratamento de uma crise aguda de asma. Logo que pôde respirar quase normalmente, telefonou para Blanca e disse:

– Preciso falar com você sobre aquelas pessoas de Illinois que desejam adotar seus filhos: não é hora de deixar que venham aqui para que vocês possam conversar e decidir?



© JOHN DYER

**Anjo no Tribunal**— A advogada Anna Ramírez legalizou a adoção.

– Sim, diga a eles que venham — respondeu Blanca.

Esther telefonou para David Teran, que fizera contato com os Malavoltis. David então lhes disse que o fim de Blanca estava próximo. Tinham de vir logo. Se ela morresse antes de lhes entregar legalmente as crianças, o estado do Texas ou os parentes decidiriam sua sorte. No dia seguinte, Rose, Al e os dois filhos mais novos, Rachel e Gabriel, embarcaram num avião rumo a San Antonio.

Enquanto isso, Anna Ramírez, pesquisando sobre os trâmites legais da adoção, ficou sabendo que, se Blanca assinasse uma declaração escrita e juramentada abrindo mão de seus direitos de mãe em favor dos Malavoltis, eles poderiam requerer e obter na justiça a custódia legal das crianças. Após um certo período de espera, os procedimentos formais da adoção poderiam então ter início.

Mas Anna sabia que precisariam atravessar um campo minado de barreiras e becos sem saída antes de terem em mãos os documentos exigidos. Foi então que descobriu que Eric e Wendy, assim como a mãe, eram estrangeiros clandestinos. A situação das duas crianças — que haviam nascido no México — em relação à imigração constituía um grande problema. Era delito grave transportar um estrangeiro clandestino.

Na manhã seguinte à chegada dos Malavoltis a San Antonio, David os levou à casa de Blanca. Os filhos mais velhos ainda estavam na escola, mas os pequenos corriam por toda parte no espaço exíguo, enquanto Erika os chamava para tomar banho, preparando-se para receber as visitas. Além dos filhos de Blanca e do de Erika, vários priminhos circulavam pela casa, todos com menos de 4 anos. Rose e Al nem mesmo sabiam quais eram os de Blanca. Viam-se pratos sujos por toda parte e não havia sistema de calefação; um aquecedor elétrico era a única fonte de calor, e os Malavoltis observaram chocados um dos bebês cair sobre ele.

Rose sentiu-se gelada. Normalmente sabia lidar com qualquer situação, mas por um momento ficou estática.

Al tocou suavemente em seu braço: – Vai dar tudo certo – disse.

Em seguida David os conduziu ao Hospital da Misericórdia de Laredo, onde Blanca estava internada. Rose levava debaixo do braço um álbum de fotografias de sua casa – o balanço na varanda, a cama elástica nos fundos – e dos dois filhos mais velhos, que estavam na faculdade. Ela achava que isso seria um meio de estabelecer contato com Blanca, que nada sabia sobre ela e sua família.

Mas quando entraram no quarto de Blanca, os parentes lançaram olhares inamistosos aos Malavoltis. David apresentou-lhes o filho mais velho de Blanca, Eric, que pareceu amedrontado e retraído. O quarto

caiu em profundo silêncio. Com relutância, os presentes abriram caminho ao casal a fim de que se aproximasse do leito.

Na cama Rose viu um rosto emaciado, quase esquelético, cujos grandes olhos negros a fixavam. Elas se observaram durante um longo tempo, duas mulheres que nem sequer falavam a mesma língua, mas cujas vidas discrepantes haviam se cruzado em situação tão delicada.

A cada respiração ofegante, Blanca parecia procurar alguma tranqüilidade nos olhos de Rose, cujo coração de mãe estava cheio de piedade por essa mulher que tinha de deixar os filhos cedo demais para ela – e para eles também.

David apresentou-os em espanhol. Após um embaraçoso momento, Rose lembrou-se do álbum de fotografias. Ela o mostrou e disse:

– Achamos que você gostaria de ver algumas fotos de nossa casa.

David traduziu.

Blanca não pareceu muito interessada na casa, mesmo com a longa mesa de jantar de madeira com lugar para tantas pessoas. Mas quando chegaram às fotos de Rachel e Gabriel, olhou para eles em sinal de aprovação e, sorrindo, ergueu a mão para acenar fracamente. Ela parecia mais decidida a avaliar os Malavoltis como seres humanos do que a olhar para fotos de sua casa.

---

Por um breve instante Rose sentiu-se assustada vendo todas as crianças juntas.

Finalmente Al disse para David:

– Pergunte a ela se concorda que visitemos as outras crianças.

Blanca fez que sim com a cabeça, esgotada. Ninguém precisou traduzir os resmungos hostis dos parentes. David disse a Blanca que voltariam. Em seguida, ele e os Malavoltis esgueiraram-se do quarto congestionado.

Mais uma vez encontraram a casa de Blanca numa atividade fervilhante. Enquanto as crianças mais velhas chegavam da escola, os Malavoltis identificavam cada uma com a ajuda de David. Por um breve instante Rose novamente se sentiu assustada ao ver todas as crianças juntas. Então olhou para Al.

– Vai dar certo – repetiu ele. – Vai dar certo.

## Decisão

**D**AVID OS CONDUZIU de volta ao hospital no dia seguinte. Nada havia mudado, excetuando-se o fato de que o agrupamento de irmãos, irmãs e cunhados era tão grande que se espalhava pelo corredor. Os mesmos sentimentos dominavam. Algumas daquelas pessoas deram as costas quando viram os Malavoltis.

Dentro do quarto do hospital, os parentes se revezavam junto ao leito para arengar com a mulher moribunda sobre a vergonha de mandar as crianças viver longe de casa com estranhos. Parecia não importar a eles que Blanca, uma sombra de si

mesma, de vez em quando caísse num sono entorpecido.

– Não vamos permitir isso! – exclamou, nervosa, uma das irmãs.

Nesse momento, uma Blanca reanimada abriu os olhos e, apoiando-se com dificuldade num dos cotovelos, falou ofegante:

– Vocês não vão permitir isso?! Eles são meus filhos. A decisão é *minha* e não de vocês.

Os parentes contra-argumentaram. A todo instante, o telefone tocava insistentemente no quarto. Do outro lado da linha havia mais parentes com mais exortações. De repente alguém irrompeu quarto adentro, proclamando que tinha encontrado três famílias que poderiam, cada uma, ficar com uma criança.

Blanca, lutando contra o entorpecimento provocado pela morfina, gritou:

– Não! Meus filhos não são filhotes! Não dou um aqui e outro ali. Meus filhos são... – Exausta, deixou a cabeça cair de volta no travesseiro e completou, soluçando: – Eles são meus filhos.

Anna Ramírez, que havia chegado com os documentos legais e um escrivão, teve de sair do quarto para





**Fraternidade**– Rachel (à direita) brinca com Theresa, a irmã caçula.

recuperar o controle. “Foi a cena mais triste que já vi”, disse mais tarde. Em dado momento Blanca falou ao telefone com Eric, o filho mais velho. O rumo da conversa era claro pelas respostas dela. Eric não queria ir com os Malavoltis. Ele queria ficar em Laredo.

Blanca, quase só pele e ossos agora, não deixou dúvidas de que ainda tinha a família sob seu comando.

– Escute – disse ela para o filho em voz sussurrante mas determina-

da –, eu sou sua mãe e ainda não morri. Vou dizer a você o que fazer e você vai obedecer.

*O que ela vai fazer?*, perguntou-se Rose. *E o que nós devemos fazer? Ser espectadores? Percorremos todo esse caminho e investimos tanto de nós mesmos para sermos escorraçados por um bando de parentes egocêntricos?*

A essa altura eram quase 9 da noite e todos os Malavoltis estavam cambaleando de cansaço. Era tempo de tomar uma decisão. Blanca dirigiu-se

a Rose. David tomou cuidado para traduzir suas palavras com precisão:

– Você vai amar meus filhos? Eles são tudo o que tenho nesta vida. Eles são tudo o que importa para mim.

**‘Você vai amar meus filhos? Eles são tudo o que tenho nesta vida. Tudo o que importa para mim.’**

Rose e Al debruçaram-se e pegaram a mão de Blanca.

– Seus filhos são tão preciosos para nós como o são aos olhos de Deus – disse Rose. – Nós vamos amá-los, sim.

– Vou assinar – disse Blanca, escre-

vendo devagar o nome na declaração que transferia formalmente a custódia dos oito filhos para Rose e Alan Malavolti.

Nesse momento até os parentes pararam de resmungar. Todos os presentes, inclusive o escrivão e duas enfermeiras, estavam chorando.

## Rumo ao lar

**L**OGO DEPOIS que Rose e Al retornaram a Illinois, Blanca deixou o hospital e voltou para casa – desta vez, estava claro, para morrer. Os Malavoltis mantiveram-se em contato com as crianças por meio de Esther e David. “Desejávamos escrever ou telefonar para as crianças, mas era difícil”, contou Rose. “Que podíamos dizer? ‘Pusemos beliches em todos os quartos?’ ‘Mal podemos esperar que cheguem’?, como se disséssemos ‘logo que sua mãe morra’?”

Na quarta-feira, 12 de fevereiro de 1997, Blanca Esthela Enríquez morreu enquanto dormia. Sua filha Erika telefonou para Esther, que se encarregou de providenciar o enterro. O agente funerário conhecia a situação de Blanca e disse que um funeral de indigente nada custaria.

Esther sacudiu a cabeça.

– Não – replicou. – Esta senhora não é indigente. Ela tem oito filhos que vão ver a mãe deixar este mundo dignamente.

As despesas foram calculadas em 3.500 dólares. Esther seguiu para o escritório, ligou para antigos contribuintes e conseguiu levantar essa importância. O funeral foi simples mas digno. Eric, profundamente abalado, lutando para conter as lágrimas, acariciou os cabelos da mãe antes que fechassem o caixão para iniciar o percurso até o cemitério. Os filhos de Blanca começaram então a enfrentar a vida sem ela.

Não muito depois do funeral, Esther e Anna falavam ao telefone quando Esther mencionou que, com alguma sorte, os Malavoltis chegariam logo para buscar as crianças.

– Buscar as crianças? – perguntou Anna. – Onde elas estão?

– Ainda aqui, em Laredo.

– Oh, não! Por que não estão em Illinois?

Anna pensava que os Malavoltis tinham levado as oito crianças com eles. Com a morte de Blanca, a declaração que ela assinara teria pouco tempo de validade e eles enfrentariam um pesadelo burocrático até

conseguir a custódia e permissão para levar os oito.

Cada dia só parecia trazer novas complicações. De Austin, a capital do estado, chegou de repente a exigência de vacinação e fichas escolares – 15 páginas ou mais de documentos para cada criança, a serem avaliadas, aprovadas e enviadas para Illinois.

Enquanto isso, o marido de Anna, funcionário do Serviço de Imigração e Naturalização, disse-lhe que Eric e Wendy não poderiam deixar o Texas sem permissão especial. A lista de espera para receber tais requerimentos e os documentos exigidos, constatou Anna, era de dois anos.

O pior ainda estava por vir. Um juiz teria de aprovar alguém como guardião temporário das crianças; tal pessoa assinaria o documento permitindo que viajassem para Illinois a fim de serem adotados pelos Malavoltis.

### Pequenas vitórias

**E**M ROCKFORD, Rose e Al lutavam contra as críticas. Recebiam uma enxurrada de comentários negativos da parte de conhecidos e estranhos, aumentando a pressão crescente sobre eles. “Vocês perderam o juízo? Sabem em que estão se metendo? Oito crianças!” Mas Rose e Al não titubearam.

Um problema mais prático era a velha caminhonete, pequena demais para as oito crianças e a bagagem. Onde arranjar dinheiro para pagar todas as passagens aéreas? Enchen-

do-se de coragem, Al perguntou a um executivo da Sundstrand Corporation, onde trabalhava, se podia usar o jato da empresa. Seu requerimento percorreu a cadeia de comando da organização e voltou com a resposta: sim, mas somente quando o avião não estivesse sendo usado pela empresa. Após vários rebates falsos, comunicaram a Al que o aparelho estaria disponível na sexta-feira, 14 de março.

Com o coração oprimido, Al lembrou-se de que ainda não haviam encontrado um juiz para o caso. Esperando um milagre, agradeceu e disse que a data estava ótima.

E enquanto os voluntários trabalhavam arduamente em Laredo, lampejos de esperança começaram a iluminar a escuridão. Graças à obstinada perseverança, conseguiram que os burocratas agissem mais rapidamente.

Em Austin, um voluntário-chave assumiu pessoalmente o controle das fichas escolares e de vacinação das crianças, levou-as de mesa em mesa para serem aprovadas e enviou-as pelo correio expresso para Illinois.

O marido de Anna supervisionou o processo legal de Eric e Wendy, os estrangeiros sem documentos. Eles se apresentaram às autoridades como ilegais e foram liberados sob

---

‘Entre em contato com o juiz e diga que o futuro de oito órfãos depende de uma audiência amanhã.’



condição de comparecer depois a um juiz. O Serviço de Imigração e Naturalização deu-lhes permissão de viajar para Illinois, onde mais tarde teriam de se apresentar a uma audiência para explicar por que não deveriam ser deportados.

Havia ainda a questão da audiência para a custódia temporária. Anna planejava apresentar ao tribunal petição para que tornasse a irmã de Blanca guardiã temporária das crianças. Assim ela poderia assinar o documento que permitiria a viagem dos sobrinhos para Illinois a fim de serem adotados. Certa de que não conseguiria uma audiência antes de sexta-feira, quando os Malavoltis estariam chegando, pediu-lhes que adiassem a viagem.

Em seguida, vieram mais telefonemas de partir o coração e outro milagre: o avião estaria disponível no sábado! Al foi para casa e conversou com Rose. Ambos estavam nervosos, esperando que tivessem dado tempo suficiente para que Anna conseguisse marcar a audiência e pôr todos os documentos em ordem.

Na terça-feira, 11 de março, Anna, apelando a todos, telefonou a um amigo, secretário da comarca de um juiz que ela sabia não estar disponível.

– Você é nossa última esperança – disse ela. – Será que não conseguiria entrar em contato com o juiz e dizer-lhe que o futuro de oito órfãos depende de ele conseguir uma audiência para amanhã?

*Por favor, diga sim*, implorava seu coração. *Por favor.*

– Está louca? – perguntou o amigo. Silêncio mortal, frustração. Então ele prometeu:

– Vou falar com o juiz e ligo para você de volta.

Uma hora mais tarde o secretário telefonou:

– Amanhã ao meio-dia no tribunal. Não se atrasem.

## A escolha de Eric

**N**A QUARTA-FEIRA de manhã em Laredo, Esther e Anna vestiram as crianças, pentearam-lhes os cabelos e levaram-nas para o tribunal. Anna apresentou a petição:

– Meritíssimo, uma vez que era claramente o desejo e a intenção da mãe, Blanca Enríquez, que Rose e Alan Malavolti adotassem estas crianças, requeiro ao tribunal que conceda a custódia legal temporária a Sandra Navarro, irmã da Sra. Enríquez, de modo que ela possa assinar o documento autorizando a viagem das crianças a Illinois.

O juiz disse que gostaria de conversar com os dois mais velhos, Eric e Wendy, em seu gabinete.

O coração de Esther ficou apertado.

– Eric vai dizer que não quer ir. Não vai dar certo!

– Vamos, meu Deus – sussurrou Anna ansiosamente. – Agora é Sua vez de agir!

Quando o juiz retornou, falou diretamente a Eric e Wendy, dizendo que Eric, como mais velho, seria responsável pelo cumprimento do dese-

jo da mãe de manter a família unida.

– Eu o encarrego dessa responsabilidade – disse o juiz solenemente, acrescentando que Wendy teria de ajudá-lo na tarefa, de todas as maneiras.

Esther sentiu-se morrer por dentro. *Ele está entregando a responsabilidade a Eric. Eles vão ficar.*

– E assim, com este documento, concedo a guarda a Sandra Navarro...

Incapaz de conter a alegria, Esther gritou:

– Graças a Deus!

O juiz lançou-lhe um olhar severo e continuou:

– ...por um período de 180 dias.

Esther correu à procura de um telefone e ligou para Rockford.

– Mandem o avião! – disse para Rose.

Três dias depois, Eric e Esther encheram um caminhão com roupas novas que tinham sido compradas para os oito irmãos. Esther e as crianças entraram nos três carros que esperavam para levá-las ao aeroporto. Antes pararam na casa da namorada de Eric para que ele pudesse se despedir. Então as crianças perguntaram se podiam visitar o túmulo da mãe pela última vez.

Esther as fotografou ao lado da sepultura. Wendy pegou uma pedra da terra ainda fresca que a cobria e a guardou no bolso. Então, olhando diversas vezes para trás, puseram-se a caminho. Só quando chegaram ao aeroporto foi que Eric anunciou que não iria para Illinois.

– Como é que é?! – exclamou Es-

ther, sem querer acreditar no que acabara de ouvir.

Ele disse que não queria abandonar a namorada em Laredo. Não conhecia ninguém em Illinois. Pensando sobre esse momento meses depois – com o jato e os Malavoltis já a caminho de Laredo e tudo aquilo por que tinham lutado cor-

rendo perigo de fracassar –, Esther foi compreensiva.

“Eric é um bom garoto”, disse ela.

“Mas só tinha 16 anos e já passara por muitas dificuldades. Não estava

preparado para ir e deixar para trás tudo que lhe era familiar. Para ele, Laredo era seguro, melhor.” Esther sorriu e acrescentou: “Eu sabia que cabia a mim dissuadi-lo.”

Então lembrou firmemente a Eric que ele fizera uma promessa à mãe quando ela estava morrendo.

– Você tem de ir. Já chegamos até aqui e não podemos retroceder agora. Você sabe qual era o desejo de sua mãe e sabe também que ou vão todos ou não vai ninguém, que você e seus irmãos têm de ficar juntos. Não vou deixar que você impeça isso.

Após longo e tenso momento, Eric finalmente disse:

– Está bem, então. Vamos.

Enquanto esperavam no aeroporto, foram cercados por um enxame de repórteres e câmeras de TV. Algumas das crianças ficaram posando para fotos e respondendo a pergun-

**Encheram um caminhão com roupas novas que tinham sido compradas para os oito irmãos.**

tas, até que, ao norte, um pontinho no céu se transformou num brilhante jato prateado que aterrissou e taxiou a poucos metros de onde estavam. Dele saltaram Rose e Al Malavolti.

Em seguida veio a confusão das despedidas. Quando Eric passou por ela, Esther o pegou pelo pulso.

— É assim que acaba? Sem você ao menos me dizer adeus?

Com lágrimas nos olhos, Eric lançou-se em seus braços.

— Vai ficar tudo bem — sussurrou ela. — Você vai ver.

Logo o grande avião prateado era outra vez um pontinho no céu. Mas Esther Firova só foi embora quando ele desapareceu completamente.

### Nova vida

**P**ARA AS CRIANÇAS de Blanca, os primeiros dias em Rockford foram simplesmente mágicos: ver Rachel e Gabriel novamente; encontrar os novos irmãos mais velhos, um par de gigantes magricelas chamados Noah e Aaron, que tinham vindo da faculdade para essa grande



ocasião; ver o novo lar pela primeira vez, maior do que qualquer casa em que jamais tinham estado; e luxos como panquecas no café da manhã — tantas quantas quisessem.

Nessas primeiras semanas eles foram gentilmente impelidos para a rotina da nova vida. Matriculados na escola, acordavam logo após as 6 da manhã para rezar, tomar banho, fazer a cama e tomar café às 7 horas. Vinte minutos depois a grande



**Irmãos Mais Velhos**– Aaron (à esquerda) e Noah ajustaram-se facilmente ao novo papel.

pratos, preparar os lanches do dia seguinte, dar banho nos menores. A hora de dormir era escalonada de modo que Rose e Al tivessem um momento a sós com cada criança. E no dia seguinte levantavam e repetiam as tarefas outra vez.

A recém-aumentada família Malavolti fazia tudo em grande escala. Ocupava duas fileiras na igreja, consumia 45 litros de leite e lavava 36 máquinas de roupa por semana, em média. O custo era esmagador. Mas relatos a respeito deles na imprensa comoveram pessoas de todo o país, e veículos dos mais variados tipos paravam em sua porta, levando brinquedos, calçados, cobertores, caixas de refrigerantes e peças inteiras de carne.

Um dia estacionou um caminhão de Chicago, carregado de brinquedos e roupas, e o motorista disse a Rose:

– Sabe, senhora, sou filho adotivo também. A família que me adotou era italiana, e por isso sempre achei que era italiano. Então, há pouco tempo descobri que na verdade sou de origem hispânica e... – sua voz falhou e os olhos encheram-se de lágrimas – ...nasci em Laredo.

Começou a chegar dinheiro. Todo ele iria, como Rose e Al ingenuamente pensavam, para um fundo destinado a pagar a faculdade das crianças. Mas um amigo investidor, que se ofereceu como voluntário para gerenciar o dinheiro, deu uma

casa estava vazia, com Rose e Al conduzindo dez crianças para quatro escolas diferentes.

À tarde regressavam para fazer o dever de casa e, às vezes, brincar durante uma hora – televisão, só nos fins de semana –, antes de jantarem todos juntos. Isso era indispensável. E nada tinha a ver com refeição. “Trata-se de partir o pão de nossa vida e compartilhá-lo”, diz Rose.

Cada um tinha sua tarefa – lavar

olhada nas finanças e delicadamente lhes sugeriu que a conta deveria ser usada para despesas mais imediatas.

– Vocês vão precisar de pelo menos mil dólares a mais por mês só para criar essas crianças – informou ele. Os dois deram de ombros.

– Deus proverá – disse Rose.

Ela poderia citar vários exemplos para essa confiança na providência divina, mas o seu favorito tinha a ver com a questão da lavagem de roupa. No segundo sábado após a chegada das crianças, quando elas tinham

## PRÓXIMO MÊS



# SEGUNDOS PARA SALVAR A MENINA

Será que eles poderiam deter a tempo o trem de 6.200 toneladas?

### MAIS

#### OS SETE MANDAMENTOS DO PAI E DA MÃE

Como criar seu filho sem transformá-lo num pirralho malcriado como todos os outros.

#### ANJOS NA INTERNET

Num computador da Austrália, o jovem pai digitou com cuidado um *e-mail*, fazendo um apelo dramático: “Ajudem-me a salvar meu filho.”

#### O SEGREDO DO DR. BERGER

Sua força estava na maneira como enfrentava o infortúnio.



© MICHAEL ABRAMSON  
© STEVE KAGAN/PEOPLE WEEKLY

acabado de experimentar as numerosas sacolas de roupas doadas, descobriu-se que as mais novas estavam infestadas de piolhos.

Às 6 da manhã de domingo, todas as cabeças foram ensaboadas com xampu especial, enxaguadas e ensaboadas outra vez. Depois, todos os colchões foram removidos das camas, gavetas e armários foram esvaziados, e cobertores, roupas de cama e vestuário jogados numa pilha que tinha quase a altura de um adulto e ocupava todo o primeiro andar da casa. Só então foram para a igreja.

Tentando concentrar-se no sermão, Rose não conseguia esquecer a montanha de roupa que a esperava em casa. Levaria uma semana para colocar tudo aquilo na máquina de lavar – se é que esta agüentaria.

*Que está tentando me dizer, Senhor? Que Al e eu demos um passo maior do que as pernas? Que todas essas pessoas que disseram que tínhamos enlouquecido estavam certas?*

Depois da missa uma mulher começou a conversar com ela.

– Sei que não me conhece, Sra. Malavolti, mas minha família vem sentando perto da sua na igreja há anos. Tenho lido a respeito de seus novos filhos e achei que... Bem, eu sou dona de uma lavanderia, e sempre que quiser usá-la, está às ordens... Ah, meu Deus! Por que está chorando, Sra. Malavolti?

Rose falou-lhe sobre os piolhos e a pilha de roupas para lavar.

– Deve haver umas mil e quinhentas pessoas nesta igreja – co-

mentou ela –, mas Deus a enviou para conversar comigo.

Nessa noite a mulher abriu a lavanderia para Rose e Al, e os ajudou a lavar 96 máquinas de roupa em três horas. Ela forneceu o sabão, ligou o automático de lavadoras e secadoras, não aceitou pagamento e disse-lhes que viessem outras vezes.

### A família é uma unidade

**E**NQUANTO ISSO, de várias formas, as crianças iam se adaptando à nova vida. Jaci, 3 anos, estava solidamente ligada a todos os Malavoltis. No Texas, cada criança era conhecida por vários nomes, mas os Malavoltis disseram a elas que podiam escolher um nome para o resto da vida. Wendy, agora chamada de Catie, tinha sido até ali uma supermãe para os seis irmãos mais novos e, em Rockford, ela não conseguia livrar-se dessa preocupação. Se algum deles acordava durante a noite, Catie acordava também. Rose dizia-lhe que ela agora poderia parar de ser mãe e começar a ser uma jovem de 14 anos. Mas Catie não conseguia.

Talvez pela mesma razão ela evitava o contato com os Malavoltis e esquivava-se rapidamente quando eles tentavam abraçá-la. Então, uma noite, na hora de dormir, bateu à porta deles, sentou-se à beira da cama, como costumava ver os irmãos mais velhos fazerem, conversou e saiu dando um caloroso beijo de boa-noite em cada um. Al estava



sorrindo quando ela fechou a porta.

– Que foi? – perguntou Rose.

– Não lhe disse que ia dar certo?

Mas a fusão das duas famílias estava fazendo vir abaixo o mundo em que vivera Gabriel Malavolti, 9 anos. De repente ele se via compartilhando os brinquedos e o quarto com Luke e John Paul. Isso não era tão difícil quanto compartilhar os

pais com oito novos irmãos e irmãs. Não tinha mais uma única noite sozinho com os pais; às vezes era preciso entrar na fila apenas para conseguir um beijo de boa-noite.

Quando Rose viu como o filho estava deprimido e retraído, levou-o para tomar o café da manhã de domingo fora e conversar sobre o assunto. Com surpreendente maturi-



dade, o garoto falou que os pais tinham tomado uma atitude maravilhosa e que estava orgulhoso. Então, com lágrimas nos olhos, disse:

– Mas eu ia gostar mais se vocês tivessem esperado eu ficar mais velho e poder me adaptar melhor.

Segurando a mão do filho sobre a mesa, ela lembrou-lhe o quanto já havia se divertido com as crianças e

**Coração de Mãe**– ‘Se uma casa não está cheia de crianças, então está vazia’, diz Rose Malavolti. Para ela, isso não vai ser problema.

como os menores o adoravam. O menino ficou dizendo que sim, sim, que sabia – mas não a encarava.

Algumas noites mais tarde, porém, após Rachel ter dado banho nos dois bebês e os envolvido em toalhas, Gabriel, carregando um em cada braço, desceu e os levou até os pais. Os bebês estavam quentinhos e cheirosos, e ele sorria com amor e orgulho enquanto anunciava:

– Beijos de bebês fresquinhos! Quem quer beijos fresquinhos?

Ninguém, porém, resistiu tanto quanto Eric. Durante semanas ele quase não falou, e ameaçou fugir. Quando chegou a hora de escolher um novo nome, insistiu em se chamar Eli, como fora batizado, e escreveu o nome repetidamente em diversos pedaços de papel. Rose e Al achavam que isso era uma forma de afirmar um elo com o pai, mas a verdade era mais desconcertante: as duas únicas palavras que sabia escrever eram seu nome e sobrenome. Por alguma razão, ele atingira a idade de 17 anos totalmente analfabeto.

– Mas você ia à escola! – insistiu Rose, incrédula.

Ele deu de ombros.

– De vez em quando. E saí no sexto ano.

Outro problema veio à tona quando o levaram ao médico porque ele vivia estreitando os olhos.



– Este garoto é praticamente cego  
– disse a Al o médico, espantado.

Eli não conseguiu ver uma só letra dos primeiros cartazes que o médico lhe mostrou. Finalmente, foi-lhe apresentado um cartaz com uma gigantesca letra E. Aquele foi o menor símbolo que ele conseguiu ver.

– Você nunca usou óculos, filho?  
– perguntou o oftalmologista.

– Usei há muito tempo. Mas eu não gostava, e joguei fora.

Com novos óculos, Eli estava quase literalmente vendo o mundo sob uma nova luz – o que levou a uma sutil mudança em sua atitude. Ele aceitou que Catie e Gabriel lhe dessem aulas usando cartões com palavras e figuras, e um livro de leitura da primeira série. Rose conseguiu professores particulares para ele. Mas Eli progredia com muita dificuldade. No fim do primeiro semestre de aulas, lutava com a matemática. Então começou a falar em ir embora novamente. Em dois meses gastou 330 dólares de telefone, ligando para parentes e amigos em Laredo.

– Temos uma regra – lembrou-lhe Rose um dia. – Duas chamadas interurbanas por semana.

– Você não se importa comigo! – explodiu ele. – Não adianta negar, sei que você não gosta de mim.

– Isso não é verdade – replicou ela calmamente, mas com igual energia. – Eu amo você. Você é meu filho. Está vendo esta casa? – perguntou, olhando à sua volta. – Seu pai e eu a construímos com nossas próprias mãos. Pois nós a venderíamos em

um minuto e nos mudaríamos para um lugar mais barato, se isso fosse preciso a fim de criar vocês.

Silêncio.

– Sua mãe está contando com você e comigo para fazer esse trabalho – continuou Rose –, e um dia vamos ter de encará-la. Eu poderei dizer que fiz o melhor possível. E você?

## Todos são Malavoltis

**C**HEGOU O VERÃO. Bolas e bicicletas amontoavam-se na entrada da garagem, e nos fundos parecia que as crianças estavam sempre pulando na cama elástica. Risadas eram o som dominante. Os menores passavam parte das manhãs estudando inglês. Eli tinha aulas de redação e matemática, e começava a progredir. No fim do segundo semestre, elevou suas notas para B e C.

Noah e Aaron, que trabalhavam durante as férias de verão, vinham para casa quase todos os fins de semana. Eli, que começava a se apegar aos dois jovens, gostava disso. Era divertido ficar perto deles, os rapazes o faziam rir. No feriado de Quatro de Julho, os 14 foram convidados para uma comemoração pública e um churrasco. Os irmãos de Laredo eram as estrelas do dia, e se viram cercados de atenções, como se fossem celebridades. Houve uma partida de voleibol em que Noah, Aaron e Eli brilharam, seguida por um concerto no parque e fogos de artifício.

Depois da festa, quando se dirigiam para a caminhonete no escuro,

Eli caminhava ao lado de Rose. Ela perguntou se ele se divertira.

– Claro, foi muito bom – respondeu ele. – Foi o melhor dia da minha vida.

– Haverá outros como este – prometeu ela.

Rose sorriu para Eli e passou o braço em torno de sua cintura.

Numa manhã de novembro, nove meses após Rose e Al os trazerem, os oito encaminharam-se para o tribunal – as meninas com brilhantes sapatos de verniz, os meninos com *blazers* azul-marinho novinhos. O juiz Timothy Gill presidia a audiência.

As crianças sentaram-se em cadeiras giratórias na banca dos jurados, algumas das quais rodopiavam sempre que o juiz Gill parecia distraído. Os pais adotivos sentaram-se à mesa dos advogados, sussurrando advertências para os que se comportavam mal na banca dos jurados, mas impotentes para intervir.

O juiz Gill era meticuloso em relação a cada detalhe. Ele ordenou que as portas do tribunal fossem fechadas, deixando a multidão de repórteres do lado de fora, e perguntou às crianças mais velhas se haviam sido felizes na casa dos Mala-

voltis e se tinham alguma restrição a serem adotadas por eles. Depois perguntou a Rose e Al se continuavam absolutamente convencidos de que desejavam prosseguir com a adoção.

Sorrindo, eles disseram que sim. Embora estivessem inteiramente dispostos a conceder ao tribunal os poderes legais de declará-los uma família, sabiam que já o eram.

– Nossa decisão foi ditada pelo coração – disse Rose ao juiz. – Nenhum tribunal pode dizer ao coração o que ele deve sentir.

No fundo, o juiz Gill devia ser da mesma opinião. Ao anunciar a sentença, ele teve de abaixar a cabeça para se recompor antes de continuar.

– Vocês merecem meu mais profundo respeito e admiração – disse para Rose e Al.

No dia seguinte, enviou uma carta para os Malavoltis, na qual explicava que a emoção o tinha traído e que por isso não fora capaz de dizer tudo o que trazia no coração. “Em todos os meus anos de magistratura”, escreveu ele, “nunca havia testemunhado tal ato de amor, compromisso e compaixão. Que Deus os abençoe!”

No envelope havia um cheque para ajudar a cobrir as custas judiciais.

## EM ‘PORTUNHOL’

Dois radialistas chegaram sedentos ao bar do Centro de Imprensa, em Buenos Aires, durante a Copa da Argentina, em 1978. Ávido por uma Coca-Cola, um deles pede:

– Una cuêca!

E seu colega, de bate-pronto:

– Una, no, dunas!

–RENATO MAURÍCIO PRADO, *O Globo*